

Agostinho
Araújo*

Em redor dos "milagres" da Senhora da Lapa

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Em redor dos "milagres" da Senhora da Lapa

Vila do Conde, sécs. XVIII-XIX *

Por Agostinho Araújo

*O lugar onde o coração se esconde
é onde o vento norte corta luas brancas no azul do mar
e o poeta solitário escolhe igreja pra casar
O lugar onde o coração se esconde
é em dezembro o sol cortado pelo frio
e à noite as luzes a alinhar o rio
O lugar onde o coração se esconde
é onde contra a casa soa o sino
e dia a dia o homem soma o seu destino
O lugar onde o coração se esconde
é sobretudo agosto vento música raparigas em cabelo
feira das sextas-feiras gado pó e povo
é onde se consente que nasça de novo
àquele que foi jovem e foi belo
(...)
Mas onde fica e como é que se chama
a terra do crepúsculo de algodão em rama
das muitas procissões dos contraluz no bar
da surpresa violenta desse sempre renovado mar?
(...)*

149

Ruy Belo, *Portugal mero-profano* - Vila do Conde. 1970

Remonta a um testamento de 1561 a primeira menção de uma ermida junto à saída nordeste de Vila do Conde, em direcção a Touguinha e Junqueira, tendo por patrono São Bartolomeu¹. Mais abundantes são as referências toponímicas do século seguinte: possuía então confraria titulada por aquele Apóstolo e pelo Mártir São Lourenço, a qual recebeu indulgências do Papa Urbano VIII, tendo vindo dessa época algumas imagens descritas num Tombo de 1906².

* Este trabalho inscreve-se na Área 4 do Projecto Praxis XXI - 2. / 2.1 / CSH / 702 / 95.

¹ SANTOS, A. Monteiro dos, *Vila do Conde - breve roteiro*, Vila do Conde, ed. [do Autor] com o patrocínio de Rádio Caxinas, C.R.L., 1989 (sep. de "Correio da Junqueira", ano VII, n.º 127, de 28 de Março de 1989), p. 8.

² FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, *Subsídios para uma monografia de Vila do Conde - São Bartolomeu e Senhora da Lapa. Uma obra de Nasoni desconhecida?*, Porto, 1955 (sep. de "Douro Litoral. Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História da Junta de Província do Douro-Litoral", 6ª série, vol. 7-8); reed., revisto e acrescido, sob o título *Uma obra de Nasoni desconhecida? A Capeia de S. Bartolomeu e a Igreja de Nossa Senhora da Lapa*, Barcelos, 1964 (sep. do Boletim Cultural "Vila do Conde", vol. 5, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1964, pp. 35-46) [versão utilizada], pp. 1, 2 e 6-7.

Em 1706 morava na Rua de São Bartolomeu um pintor, Gonçalo Francisco³; e em 1721 o Prior Luís da Silva, redigindo a sua "Memória Paroquial", *em observância da ordem de S. Magestade*, enumerava, entre as *Capelas ou Ermidas que hão nesta Vila do Conde, fora a casa da Misericórdia e Hospital*, a de São Bartolomeu⁴.

Mas já em Dezembro de 1738 surge numa nota tabeliônica a Confraria com a denominação de *São Bartolomeu e Senhora da Lapa*⁵, embora nove anos mais tarde se mantivesse na nomeação da capela a referência ao titular de origem⁶.

E, ainda do segundo quartel do séc. XVIII, porventura também relacionado com o crescimento da nova devoção, datará o pequeno retábulo joanino da sacristia do actual templo⁷ - a qual mais não é que a primitiva Capela de São Bartolomeu, ou, mais exactamente, a resultante já de uma reedificação, na primeira metade de Seiscentos, atribuída⁸ a *um sacerdote de boa opinião*⁹, o FV Manuel Álvares. Com efeito, apresenta características setecentistas a pequena imagem de madeira que se vê hoje sobre o arcaz da referida sacristia e que pensamos ser a mencionada como "imagem de N. Sr! da Lapa, antiga" num Auto de Revisão realizado em 1930¹⁰.

Temos, assim, indícios seguros de que o apego dos vilacondenses a esta invocação se desenvolvia bem antes da chegada a Portugal, nos começos da década de 1750, de Angelo de Sequeira - embora a intensa actividade missionária deste Cónego da cidade de São Paulo, tão responsável pelo novo fervor e consequente afã construtivo por todo o nosso Noroeste¹¹ só possa tê-lo estimulado ainda mais.

No contrato celebrado em 2 de Março de 1758 para a construção da nova igreja verifica-se já, repetidamente, uma significativa inversão da precedência: *Escritura (...) que fazem os Juizes e mais officiais da confraria de nossa Senhora da lapa e Sam Barthollomeu (...) pretenderão edificar de novo hum Templo em lugar do antigo para con toda a decência e veneração estarem as Imagens de nossa Senhora da lapa e do apostollo Sam Barthalomeu com as dos mais Santos e Santas e mais Imagens que Residiao na capella anti-gua (...) com declaração que andando menos officiaes do que o numero as ima declarado na*

³ Idem, *Artes e Artistas em Vila do Conde*, Porto, 1962 (sep. de "Museu", Círculo Dr. José de Figueiredo, 2ª série, n.º 4, Junho de 1962), p. 13.

⁴ GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S.; e FREITAS, Eugênio da Andrea da Cunha e, *Subsídios para uma monografia de Vila do Conde*, Porto, Junta de Província do Douro Litoral, 1953, p. 11.

⁵ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 6.

⁶ Idem, *O Livro 2º de Visitações de Vila do Conde*, in "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 15-16, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1995, p. 127.

⁷ GONÇALVES, Flávio, *A Talha no Concelho de Vila do Conde. Exposição Fotográfica. Catálogo*, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 4-20 de Novembro de 1978, p. 13.

⁸ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Vila do Conde. Memórias Paroquiais de 1758*, Vila do Conde, 1988 (sep. de "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 2, Julho de 1988), p. 8.

⁹ GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S.; e FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Ob. cit.*, p. 11.

¹⁰ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 8.

¹¹ Para o Porto e Braga vd. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B., *O Porto na Época dos Almadas. Arquitectura. Obras Públicas*, vol. I, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1988, p. 111.

*obra os poderão elles Juizes officiaes e Irmãos da dita Confraria da Senhora da lapa e Sam Barthollomeu meter e chamar sem mais figura de Juizo à conta do mesmo preço da Rematação*¹².

Volvidos pouco mais de dois meses, o Prior Francisco de Lima e Azevedo Camelo Falcão (por certo bem a par da evolução da obra, uma vez que ele próprio era o Juiz da empreendedora Confraria) informava que, *por se achar arruinada*, já a antiga capela se estava *ampliando e reedificando de estrutura magnífica e custosa* ¹³.

Num costume fortemente arreigado nas colmeias de pescadores, o sentimento religioso reflecte-se, como homenagem propiciatória, nas escolhas onomásticas dos bens mais preciosos, as embarcações¹⁴; regista-se assim, em 1774, evocando carinhosamente a betlemita gruta da Natividade, *hua lancha chamada a Lapinha*)⁵.

Em 1796 continuamos a encontrar o templo designado como sendo de *N. St' da Lapa e S. Bartolomeu*¹⁶; e, por esses anos de passagem entre os dois séculos, graças à vitalidade do culto e prosperidade económica, o retábulo do altar-mor era um dos exemplos de como, na vila e seu aro, "um rococó decadente e pobre ia sendo invadido por elementos e soluções do estilo neoclássico"¹⁷.

Não faltam, aliás, desde então e até aos meados do séc. XIX, apreciações muito positivas da parte dos Visitadores: *Achei a capela de N. Sf' da Lapa optimamente ordenada* (em 1795)¹⁸; *a capela de Nossa Senhora da Lapa, é venerada pelos confrades e devotos; está decente* (em 1825)¹⁹; *A Senhora da Lapa, templo riquíssimo pela arquitectura, e tão decente no seu interior que Sua Exí' o Senhor D. Frei Caetano, quando o visitou, lhe concedeu licença perpétua para nele se expor o Santíssimo Sacramento. Foi fundação dos povos e fiéis da vila, e são ainda hoje estes os que o sustentam; tem os necessários e decentes paramentos para celebrar* (em 1845)²⁰.

Possivelmente a segunda metade do séc. XIX terá assistido a nova fase devocional, orientada para o ciclo da Natividade e que marca ainda alguma presença nos dias de hoje. Um ex-voto ainda dos finais da década de 1840, como veremos, já o sugere e é interessante

² FREITAS, Engénio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, pp. 9 e 10.

³ Idem, *Vila do Conde. Memórias...*, p. 8.

⁴ Em meados do séc. XX foram anotadas entre as denominações mais comuns, não exaustivamente: "Deus nos leve a salvamento", "Senhor dos Navegantes", "Senhora da Guia", "Vamos com Deus", "Deus nos traga", "Senhora da Bonança", "São José", "Deus te guie", "Fé em Deus", "São Donato", "Senhora do Carmo", "Santa Maria nos guie" - cf. NETTO, Maria Teresa de Mendonça Lino, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde* (dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Julho de 1945), in "Revista Portuguesa de Filologia", vol. I, tomo I, Coimbra, Casa do Castelo - Editora, 1947, p. 80.

⁵ GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S.; e FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, *Ob. cit.*, p. 52.

⁶ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 9.

⁷ GONÇALVES, Flávio, *Ob. cit.*, p. 15.

⁸ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, *O Livro 2º...*, p. 130.

⁹ SOARES, A. Franquelim S. Neiva (Compilação, introdução e notas), *O Concelho de Vila do Conde e os inquéritos Paroquiais de 1825 e 1845*, Póvoa de Varzim, [ed. do Autor], 1974, p. 90.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 91.

citar uma evocação que deve reportar aos anos 1890: *Desta igreja, em tempos que já lá vão, saíram procissões, especialmente pelo Natal, em louvor do nascimento do Menino Deus, as quais percorriam a Vila. Organizavam-se também leilões a fim de angariar meios para as despesas a efectuar com o culto. Lembro-me de, entre os figurantes das referidas procissões, não faltarem os "Três Reis" (entre os dois brancos, o preto). Cantavam-se canções adequadas, e, de um oratório ou nicho, com uma estrela dourada no cimo, armado sobre um carro ornamentado a capricho, saía, quando se abriam as portas, um anjo, todo de branco e asas da mesma cor, cabeleira dourada, anunciando ao mundo o Grande Evento...*²¹.

152

As tábuas votivas podem, com efeito, também fornecer, a diversas orientações de pesquisa, importantes subsídios documentais, a par de qualidades artísticas que, por vezes, nos surpreendem.

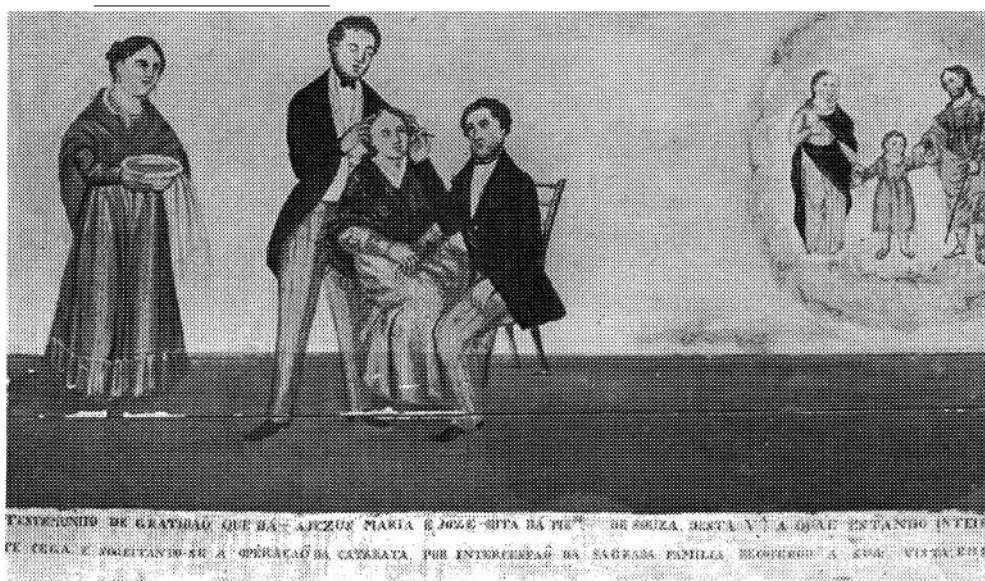


Fig. 1 - Ex-voto de Rita da Piedade de Sousa. 1849.

²¹ "Curiosidades da antiga Vila, contadas por um seu filho, o Comandante João dos Reis", *apud* GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S.; e FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Ob cit*, pp. 90-91. Este memorialista local nasceu em 26 de Maio de 1875. Em 1897 rumou ao Rio de Janeiro, passando a servir a Marinha Mercante brasileira, da qual se aposentou em Outubro de 1937 - cf. anotação dos referidos eds., *Ibidem*, p. 59. À mesma época pertencem outras recordações do mesmo, referentes aos areais entre a zona do Socorro e a foz, antes da construção do cais actual - cf. FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Subsídios para uma monografia de Vila do Conde, igrejas e Capelas*. 1 - *Santa Catarina da Areia*. 2 - *Santiago*. 3 - *Senhor d'Agonia*, Porto, 1954 (sep. de "Douro Litoral. Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História da Junta de Província do Douro Litoral", 6ª série, vol. 1-2), pp. 4-7. A nova estrada Porto/Viana do Castelo (ca. 1865) e a paralela linha do caminho de ferro (1873) vieram isolar decisivamente a área nascente da urbe - cf. GOMES, Manuel Maia, *Evolução histórica. Desenvolvimento urbano de Vila do Conde*, in "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 15-16, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1995, pp. 110-112. Note-se que não se cumpriram, pois, as hipóteses de polarização na Senhora da Lapa de uma

A mais moderna (1849) foi depositada por Rita da Piedade de Sousa, pelo êxito de uma intervenção cirúrgica às cataratas, em agradecimento à Sagrada Família, que se venera em altar próprio a meio da nave do lado do Evangelho²². Sabemos que o sábio poveiro assina o seu magnífico ensaio no Porto, em Maio de 1905; mas pode ter feito a anotação da legenda bem antes, dado que a sua atenção aos painéis votivos é recuável pelo menos até Setembro de 1898²³. Como esta peça já não é referida no "Tombo da Confraria de Nossa Senhora da Lapa", feito a 2 de Junho de 1906²⁴, a sua oferta por Monsenhor José Augusto Ferreira²⁵ datará justamente da fase inicial do Museu criado em 1893 pelo Ministro das Obras Públicas Bernardino Machado, concretizando a iniciativa de José Leite de Vasconcelos²⁶. Note-se que foi também a partir de 1893 (e até 1921) que o autor de *Vila do Conde e seu alfoz* serviu como Prior²⁷.

Tendo sido já proficientemente descrito pelo então jovem Preparador e Conservador interino do Museu Etnológico, este ex-voto (além de documentar uma devoção da qual, sob a mesma invocação de *Jesus, Maria e José* usada por aquela padecente ou sob a de *Nossa Senhora do Desterro*, conhecemos localmente cinco "milagres" coevos - 1837 a 1870 -, provenientes da demolida capela de Santiago da Areia)²⁸ interessa-nos agora mais pelo destino que lhe coube.

vasta área, predominantemente rústica, que, nos meados do século, a Câmara de Vila do Conde parecia encarar, quando, por um (verdadeiramente excepcional) momento, terá admitido a incorporação da Poça da Barca, Regufe e Gandarinha na Póvoa de Varzim: "(...) 2 - As paróquias de Vila do Conde serão uma na Igreja Matriz de São João Baptista e outra na grande capela de Nossa Senhora da Lapa. 3 - A esta última devem ficar pertencendo os lugares de Casal do Monte, Pega, Areia e Cimo de Vila, o lado norte da rua do Barroso e seguindo para a Rua de Santo Amaro e Rua das Donas compreendida pelo nascente até o cemitério público, sítio dos lameiros, Casalinho, Formariz e toda a rua de S. Sebastião e Mós até Casal do Monte e ainda os lugares da Igreja, Padrão, Oliveira e Quintela de Argivai. 4 - Desta forma a freguesia da Matriz de Vila do Conde não baixa dos 800 fogos e a nova erecta não passará dos 300 fogos (...) - cf. AMORIM, M., *Um projecto de criação de paróquias novas pela extinção de duas antigas: Formariz e Argivai (1853)*, in "O Notícias da Póvoa de Varzim", ano XIII, n.º 580, Póvoa de Varzim, 4 de Janeiro de 1995, p. 8.

²² PEIXOTO, Rocha, *Ethnographia Portuguesa. Tabulae Votivae (Excerpto)*, in "Portugalia. Materiaes para o estudo do Povo Portuguez", tomo II, n.º 2, Porto, 12 de Maio de 1906, p. 192; CHAVES, Luís, *Ex-Votos do Museu Etnológico Português - Catálogo Descritivo*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1915 (sep. de "O Archeologo Português", vols. XIX e XX), n.º 28, pp. 27-28; PINA, Luís de, *Medicina e Superstição*, in "A Arte Popular em Portugal" (direc. Fernando de Castro Pires de Lima), vol. I, Lisboa, Editorial Verbo, s/d, entre pp. 380-381 [reprod. a cor, como ilustr. do texto, todavia sem qualquer referência neste nem legenda identificadora]; e CHAVES, Luís, *Na arte popular dos ex-votos - Os "milagres"*, Guimarães, 1970 (sep. da "Revista de Guimarães", vol. LXXX), n.º 5, pp. 10-11.

²³ PEIXOTO, Rocha, *Ethnographia Portuguesa. Habitação. Os Palheiros do Littoral*, in "Portugalia. Materiaes para o estudo do Povo Portuguez", tomo I, n.º 1, Porto, 31 de Março de 1899, fig. 7.

²⁴ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 9.

²⁵ CHAVES, Luís, *Ex-Votos do Museu...*, p. 27.

²⁶ MACHADO, João L. Saavedra, *Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.º Leite de Vasconcelos*, Lisboa, 1965 (sep. de "O Archeólogo Português", nova série, tomo V), pp. 3-4.

²⁷ SANTOS, A. Monteiro dos, *Priores de Vila do Conde*, in "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 18, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, Dezembro de 1996, p. 82.

²⁸ ARAÚJO, Agostinho, *Exposição de Tábuas Votivas de Vila do Conde e seu Concelho. Introdução e Catálogo*, Vila do Conde, Secção Cultural do Ginásio Clube, Vilacondense (organização), com os patrocínios da Secretaria de Estado da Cultura e da Secretaria de Estado do Turismo e a colaboração da Câmara Municipal de Vila do Conde, 17 a 25 de Junho de 1978, n.ºs 8, 9, 10, 11 e 25.

De facto, é ele a chave que nos permite certificar a justa e honrosa participação de especímenes vilacondenses na primeira musealização de tábuas votivas em Portugal. Frise-se, todavia, que também nesta área a acção pioneira de António Augusto da Rocha Peixoto se começou a sentir, logo cerceada porém pelo seu precoce falecimento (1909). No mesmo ano em que publicava o seu brilhante texto sobre a matéria, fazia oferta ao Museu Municipal do Porto (encontrando-se hoje em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis) de quatro pequenos painéis oitocentistas: dois que haviam pertencido à igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, um oriundo da Matriz de São Cristóvão de Rio Mau e um da capela de Nossa Senhora do Socorro de Vila do Conde²⁹.

154



Fig. 2 - Ex-voto de Luís Gomes. 1804.

Data dos inícios do séc. XIX a última da série de tábuas votivas dedicadas à titular do novo templo:

MILAGRE QVE FES M SR.^A DALAPA ALVIS / GOMES SOLDADO EASVA M.^{ER}
DESTA V.^A QVE / ACHANDOSE ODITO DOENTE COMHVA GR.^{DE} DOR EMPERIGO
DE = / VIDA RECORREO AMESMA SENHORA EEMBREVE TEMPO / MILHOROV.
EMIANEIRO DESTE ANNO. DE 1804.

Da observação que fizemos desta peça há mais de duas décadas³⁰ recordamos, apesar de se achar já atacada pelos xilófagos e de ter agredidas partes significativas da superfície cromática, em particular na área fundeira (aparentemente por indevidas manobras de "limpeza"), alguns aspectos destacáveis.

²⁹ LOPES, Carlos da Silva, *Quatro tábuas votivas dadas por Rocha Peixoto ao Museu Municipal do Porto, Póvoa de Varzim, 1967* (sep. do Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. VI, n.º 2), p. 14.

³⁰ ARAÚJO, Agostinho, *Ob. cit.*, n.º 17.

É o caso da datação na última linha da legenda que nos informa, mais uma vez, como é crucial, na definição rigorosa do fenómeno votivo, a maior aproximação possível entre o momento da ocorrência da aflição e o do pagamento da promessa; e, sobretudo - mais que as habituais deficiências de desenho, carência de domínio da perspectiva e pobreza da paleta - o pendor decorativista, desde o palmito que remata a barra reservada ao texto, até ao tratamento dado à cama (nomeadamente nas rendas que debruam a colcha) e à revoada de sete querubins que acompanham a Senhora em dois registos, um aos pés, o outro pontuando a mediana da auréola da sua aparição frontal.

Reproduzido a cores em publicação de 1987³¹, desconhecemos o paradeiro actual deste ex-voto.

Também desaparecido, mas há muito mais tempo, anda o quadrinho que celebrava a graça concedida pela Virgem, em 1759, a Manuel, filho de Manuel Gomes, da freguesia barcelense de Chorrente, do qual apenas nos ficou a menção feita no Tombo de 1906³². Não obstante, e com os restantes quatro, todos datando desses primeiros anos em que se começava a impor a notável edificação (em plaine aberto apenas atravessado pelo ritmo sóbrio do Aqueduto), conta ele ao menos para esclarecer um pouco a área geográfica de penetração da fama desta imagem.



Fig. 3 - Ex-voto de João da Costa. 1759.

³¹ NEVES, Joaquim Pacheco, *Vila do Conde*, Vila do Conde, Secção Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde, 1987, entre pp. 80-81.

³² FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 9. Infelizmente, numas impressões de visitante redigidas e datadas de Azurara, nos começos do 2.º terço do séc. XX, a alusão aos ex-votos não é seguida de qualquer grau de identificação, nem mesmo contagem - cf. DACIANO, Bertino, *Por montes e vales. III - Nossa Senhora da Lapa. - Considerações filosóficas. - História duma vida. - Dualidade de alfaiate e zelador de igreja. - Ontem e hoje*, in "O Arrifanense", ano X, n.º 174, Arrifana, 28 de Outubro de 1934, s/p.

Do mesmo ano de 1759 data a bela tábua de João da Costa, de São Simão da Junqueira, que recentemente comentámos³³.

E bem assim o ex-voto de *Maria batista molher de Agostinho lopes de VI de Conde*, a qual, *dandolhe hu asidente narua*, logo melhorou ao invocar *esta Deuina Senhora da lapa*³⁴.

Já também descrita por aquele etnógrafo, que tantos subsídios ofereceu para o estudo dos ex-votos, esta peça bastante fruste serve-nos porém para evidenciar a variação de qualidade (mais acentuada do que por vezes se supõe) que a pintura de "milagres" apresenta em termos artísticos, correspondendo à ampla tessitura social penetrada pela piedade popular - é elucidativo, precisamente, o confronto com os quadrinhos coevos do mesmo local de culto. Interessante também é o traje da miraculada, com uma capa preta pela cabeça idêntica à que se observa, cinco anos atrás, na pintura oferecida pelo poveiro António Moreira ao Senhor da Vida³⁵.

Mas, indubitavelmente vilacondense como a legenda atesta, o "milagre" de Maria Baptista, talvez também encaminhado para Lisboa ao tempo de *M.^o José Augusto Ferreira*, constitui preciosa pista para apurar a verdadeira origem de uma outra e importante peça, a qual, ao ser catalogada primitivamente no então chamado Museu Etnológico Português, recebera, sem dúvida não por acaso, o exacto número precedente.

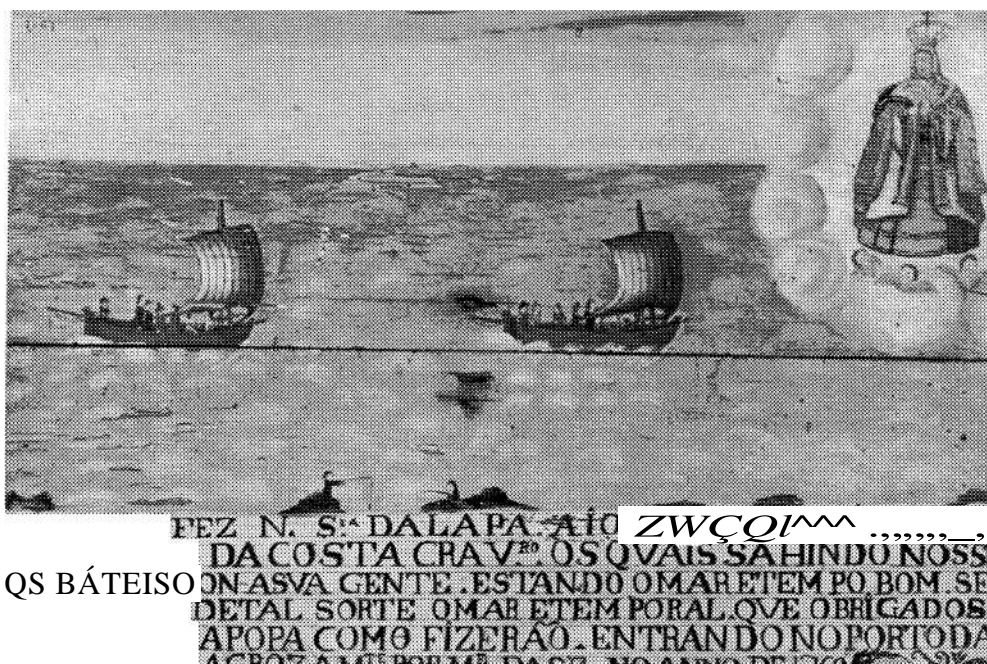


Fig. 4 - Ex-voto de José Gomes Viza e Manuel da Costa Craveiro. 1760.

³³ ARAÚJO, Agostinho, *Pintura Votiva Setecentista e Figuração de Negros (Cenas do Tempo das Minas)*, in "Portugal /Brasil - Brasil/Portugal: duas faces de uma realidade artística" (vol. coord. por Natália Marinho Ferreira-Alves), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 268-269.

³⁴ CHAVES, Luís, *Ex-Votos do Museu...*, n.º 27, pp. 26-27 e Idem, *Na arte popular...*, n.º 12, p. 15.

³⁵ PEREIRA, João Maria dos Reis, *Algumas considerações sobre um "milagre" da Póvoa de Varzim*, Póvoa de Varzim, 1965 (sep. do Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. IV, n.º 2); NEVES,

Trata-se do conhecido ex-voto de José Gomes Viza e Manuel da Costa Craveiro³⁶, datado de 1760. Desde a grande Exposição de 1983, realizada no Museu de Marinha, têm sido lidos alguns informes da legenda no contexto do que em geral se conhece sobre a comunidade piscatória da Póvoa de Varzim, sua religiosidade e "mares" frequentados, sendo então La Guardiã, na Galiza, o porto de salvação mencionado³⁷ e supondo-se a peça proveniente do templo a pouco e pouco erecto no lugar do Facho³⁸, após a autorização pedida ao Arcebispo D. Gaspar de Bragança em 17 de Agosto de 1770³⁹. Se o primeiro ponto de tal leitura nos parece correcto, já com o segundo não podemos concordar.

Joaquim Pacheco, *Os ex-votos do Abade Sousa Mala*, in "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 7, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, Junho de 1991, p. 60; e CARNEIRO, Deolinda, *Aspectos do Traje em Portugal no séc. XVIII, tendo por fonte a pintura votiva*, in *Estórias de dor, esperança e festa. O Brasil em Ex-Votos Portugueses (Séculos XVII-XIX)*. Exposição (itinerante: Rio de Janeiro - Brasília - Salvador). Catálogo. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Dezembro de 1998, p. 30. Talvez esta "promessa" tenha sido paga ao Senhor da Fonte da Vida, da igreja do convento franciscano do Monte da Franqueira, devoção iniciada na década de 1740 que atraía tradicionalmente muitas populações da beira-mar - cf. FARIA, Anthero de, *Franqueira*, Barcelos, 1947, p. 15.

³⁶ CHAVES, Luís, *Ex-Votos do Museu...*, n.º 11, pp. 17-18; Idem, *Na arte popular...*, n.º 19, p. 20; PEREIRA, Orlando Gouveia, *Ex-votos marítimos: uma aproximação psicológica*, in *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos do Rio, do Mar e do Além-Mar*, Lisboa, Museu de Marinha, Maio a Setembro de 1983, pp. 76 e 79; CARDOSO, Carlos Lopes, *Catálogo*, in *Primeira Exposição Nacional...*, p. 94 (n.º 26) e ilust. VI; FANGUEIRO, Oscar, *Naufrações poveiros, desde o séc. XVIII*, Póvoa de Varzim, 1987 (sep. do Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. XXV, n.º 2), p. 19; COSTA, Martins da, *Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção da Póvoa de Varzim (esboço histórico)*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vols. XXVII, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1990, p. 155 e XXX, n.º 1-2, 1993, pp. 190 e 207; LAGO, Branca; e LUIZ, João, *Exposição de Ex-Votos e Apetrechos Marítimos*. Catálogo. Matosinhos, Santa Casa da Misericórdia do Bom Jesus de Matosinhos, Junho de 1992 (Festas da Cidade e do Senhor de Matosinhos), s/p (n.º 30); GUEDES, Carmina Correia, *A tradição dos ex-votos*, in *Fons Vitae. Pavilhão da Santa Sé na Expo' 98*. Catálogo (Planificação e Coordenação: Maria Natália Correia Guedes). Lisboa, Secretaria de Estado do Vaticano, 1998, pp. 188-189 (n.º 143); e PEREIRA, Fernando António Baptista, et al/7, *A Arte e o Mar*. Catálogo. Lisboa (Galerias de Exposições Temporárias da sede da Fundação Calouste Gulbenkian), Museu Calouste Gulbenkian (Exposição organizada pelo), 18 de Maio a 30 de Agosto de 1998, p. 184 (n.º 165).

³⁷ *Minha rica Santa Trega / Dai-nos ventinho da popa / Que nos queremos ir embora / E temos a vela rota* - cf. GRAÇA, A. Santos, *O Poveiro. Usos. Costumes. Tradições. Lendas* [1932], 4.ª ed. (Prefácio de António Medeiros; índices Ideográfico, Antroponímico e Toponímico elaborados por Manuel José Ferreira Lopes), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998, pp. 34 e 193-194. Vd. também, entre outros, ALONSO ROMERO, Fernando, *O ritual marítimo de "cambia-la tella"*, in *Actas do Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima*, vol. IV (Aspectos Culturais. Aspectos Religiosos), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1986, p. 169.

³⁸ FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *As embarcações nos ex-votos*, in *Primeira Exposição Nacional...*, p. 32.

³⁹ BARBOSA, Jorge, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. XII, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1973, p. 222. Sobre as obras desta igreja (com várias cam panhas, desde 1770 até à década de 80 do séc. XX), história da confraria e sua transformação em "Irmandade de Nossa Senhora da Assunção", com vincado carácter de montepio, vd. FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Dois documentos para a história da Igreja de Nossa Senhora da Lapa*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. III, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964, pp. 19-27; LANHOSO, A. Coutinho, *As obras de melhoramento do porto da Póvoa de Varzim e a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. XI, n.º 1, Póvoa de Varzim, 1972, pp. 35-53; AMORIM, M.

É certo que dados documentais mais recentes até permitiriam, no estrito plano cronológico, atribuir o "milagre" à devoção inicialmente instituída à entrada da Rua Nova da Junqueira, então principal artéria da classe piscatória⁴⁰: (...) *farão presentes partes outorgantes a saber de hua parte Manoel Ferreira de Carvalho e sua mulher Maria Antonia Marques de Sa e com elles sua filha e genrro Manoel Francisco Martins e sua mulher Josepha Ferreira Marques e da outra parte (...) todos pescadores Mestres das Lanchas da pescaria desta Villa e nella moradores (...); e logo por elles (...)*foi dito que elles estavam ajustados e Contratados com os ditos Mestres de Lanchas assima nomeados de lhes permitirem que na Capella de São Roque de que elles são administradores possam edificar com mayor Área e Largueza acrescentando-a em forma que na mesma fique o altar mor pêra nossa Senhora da Lapa⁴¹.

Notemos que com a mudança de orago⁴², obrigando a cuidadosa regulamentação da partilha dos espaços dentro da capela até aí de São Roque⁴³, surge já o anúncio de intenções

A 1? Festa da Assunção da Póvoa de Varzim (13-14-15 de Agosto de 1791), in "O Comércio da Póvoa de Varzim", ano 76.º, n? 31, Póvoa de Varzim, 10 de Agosto de 1978, pp. 1-2; FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *Cooperativas de pesca: primeiros ensaios na Póvoa de Varzim*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. XIX, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1980, pp. 6-34; DINIS, Manuel Vieira, *Entre o alar da rede e o assejo*, in *Actas do Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima*, vol. IV (Aspectos Culturais. Aspectos Religiosos), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1986, pp. 13-18; COSTA, Martins da, *Art. cit.*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vols. XXVII, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1990, pp. 153-199; n.º 2, pp. 469-518; XXVIII, n.º 1, 1991, pp. 117-182; n.º 2, pp. 421-471; XXIX, n.º 1-2, 1992, pp. 209-260; e XXX, n.º 1-2, 1993, pp. 149-218; e [AMORIM, Manuel; e LOPES, Manuel (eds.)], *Documentos avulsos sobre a Póvoa de Varzim no século XVIII, recolhidos por Flávio Gonçalves*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vols. XXXI, n.º 1-2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1994, pp. 470-472 e XXXIII, 1996-97, pp. 455-457, 461-464 e 467-468. Recorde-se que nunca chegou a ser erguida a torre norte, o que, a par de outros aspectos, pode justificar o pouco lisonjeiro juízo do P? José Joaquim Martins Gesteira, autor das *Memórias Históricas da Villa da Povoa de Varzim* (1851): *Esta capela, posto que se reformou ha poucos anos, não tem regularidade em sua architectura, é pequena, muito pouco assiada e nada tem em sua construção que mereça louvor dos homens peritos nas artes. É de uma só nave, e diminuta para conter a grande quantidade de povo que a frequenta* - cf. o cap. XV, reed. sob o título *A Igreja da Lapa. Breve notícia histórica. Origem da Capela de Nossa Senhora da Lapa, em que se mostram as causas da sua fundação e sua utilidade*, in "A Póvoa de Varzim", n.º 20-21, Póvoa de Varzim, Agosto de 1913. ¹ Vd. "Quadro IV - Distribuição dos pescadores pelas ruas e lugares rústicos da Póvoa de Varzim no ano de 1763", *apud* ARAÚJO, Agostinho, *O desenvolvimento urbano da Póvoa de Varzim na segunda metade do séc. XVIII*, Póvoa de Varzim, 1979 (sep. do Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vols. XVII-XVIII, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978-1979), p. 34. Note-se que em Janeiro de 1782 era ainda na mesma rua que se registava o maior número das "Lanchas que de novo asentaram os Irmãos da Lapa por Irmãos que oseram pagando aesmolla costumada de 200 cada hua das jmbarcaçoins (...)" - cf. COSTA, Martins da, *Art. cit.*, pp. 176-177. "Contrato e obrigação que fizeram os Mestres das Lanchas da pescaria a Mf Ferrf de Carv? mf e genrro" (1759. 12. 14) - cf. [AMORIM, Manuel; e LOPES, Manuel (eds.)], *Art. cit.*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. XXXI, n.º 1-2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1994, p. 470. Veja-se a denominação nova, mantida ainda cerca de doze anos após o início das obras da que viria a ser a actual igreja: *Aos oprº de Janº de 1782 a juntos que foram o Juiz e mais officiais de N Srf da Lapa na capella delia da junqrº a toque do sino p? efeito de seproceder a nova eleiçam dos novos officiais que ham de servir o presiº Ano de 1782* - cf. COSTA, Martins da, *Art. cit.*, p. 179.

Sobre esta capela e a Confraria de Santiago vd. FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *A Capela de S. Tiago Maior, da Póvoa de Varzim. Alguns documentos para a sua história*, in Boletim Cultural "Póvoa de

de cariz associativo e assistencial: (...) e que os ditos Mestres a possão fazer para nella Colocarem a mesma Senhora ficando o altar da parte do evangelho pêra o gloriozo São Roque padroeiro que era da mesma Capella athegora e que os Mesmos Mestres de lanchas serão obrigados a fazerem hum Arco de Pedra Lavrada que seja suficiente para nelle se Colocar o dito altar da parte do Evangelho Colatral e outro do mesmo modo e forma da parte da Epistolla em Igual correspondência também Coletral que poderá servir para o altar da Confraria do Apostolo São Thiago com clauzula que os mesmos Mestres de Lanchas como devotos de Nossa Senhora da Lapa querem acrescentar a Capella ficarão obrigados a reformar toda a vez e quando for necessário e a todo o tempo toda a dita Capella de todo o necessário e somente elles otrogantes premitentes e seus sussessores ficarão obrigados ao altar e tribuna da parte do Evangelho do mesmo São Roque e a toda a sua fabrica respectiva ao mesmo Santo tam somente no dito altar e a nada mais da dita Capella nem ainda dos telhados e também estão ajustados e Contratados que os ditos Mestres das Lanchas devotos de nossa Senhora da Lapa terão obrigação de por duas chaves na porta da Capella e outras duas na da Sam Chrestia que também hão de fazer das quais chaves terão elles premitentes fabrique iras e sus ses sores hua e os ditos Mestres (...) a outra para poderem entrar na dita Capella e na Samchrestia respectivamente Independentemente huas das outras e pella mesma conformidade hão de ter assi elles fabriqueiros de São Roque como os Mestres das Lanchas (...) cada hum o seu caixão na Samchrestia com sua chave tamssomente cada qual do seu caixão a saber hum caixão para a fabrica de São Roque e outro para a fabrica de nossa Senhora da Lapa asim o dis serão e logo pellos ditos Mestres das Lanchas (...) foi dito que elles estavam na mesma forma ajustados e contratados com os ditos admenistradores de São Roque tudo na forma Ja referida e assim se obrigavão em seus nomes e por suas pessoas e bens e também em nome de seus sussessores e da Irmandade que pretendem erigir da mesma Senhora da Lapa a todas as Clauzulas e condições asima declaradas e empostas pellos ditos admenistradores (...)^{AA}.

Com efeito, menos de dois anos depois, o Arcebispo de Braga aprovaria os Estatutos da "Confradia de Nossa Senhora da Lapa, Amparo dos Homens do Mar" ali erecta. Deles retenhamos, além do conhecido carácter fechado da associação⁴⁵, o sólido vínculo (que disciplinadamente será defendido pelos tempos fora...) da devoção à dura faina que identifica os membros e o modelo adoptado, incorporando e garantindo a continuidade do tradicional apego ao Corpo Santo: *Como esta Confradia se estabelece unicanf. Na devota piedade com que os Homens do*

Varzim", vol. IX, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1970, pp. 5-21; e COSTA, Martins da, *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, "Ibidem", vol. XVII, n.º 1, 1978, p. 51.

⁴⁴ [AMORIM, Manuel; e LOPES, Manuel (eds.)], *Art cit.*, pp. 470-471.

⁴⁵ *Como esta Confradia he erecta un/canf sobre a devoção com que os Homens do Mar venerao a Santíssima Virgem Sn^a da Lappa, a quem tomão e procurão para Amparo e Patrocínio. Ordenamos que não possa ser acceito. Nem entrar Nella por irmão para o seu serviço, empregos, ou cargos de sua Meza, Pessoa aigua, que não for Mestre de Lancha que vá ao Mar, ou pescador que exercite a Arte de pescaria, ou seja Marinheiro que trabaihe Nas Lanchas delia; por que somente queremos que das pessoas desta quaiidade, e exercido que forem agora, e sempre, o corpo e Meza desta Confradia para o serviço e cargos deia. - cf. COSTA, Martins da, *Reai irmandade...*, p. 197.*

Mar pertendem, por tão louvável Meyo, fazer mais permanente a veneração da Snr" da Lappa, a quem tomão por sua Protectora; e esta se não possa estabelecer em mais sólidos fundamentos, que os do continuado concurso de cada hum dos Irmãos delia. Ordenamos, que todos os Mestres de Lanchas, bateis ou embarcações de pescaria com redes, ou Saramonas, que forem aceitos por Irmãos desta Confradia; e da mesma sorte seus sócios, ou Marinheiros, que trabalharem e servirem com ellas nas ditas embarcações, bateis ou Lanchas, sejam obrigados a trazer nellas, e em cada hua delias em quanto vivos forem, ou uzarem da Arte e exercido da pescaria, hua Rede denominada da Snr" da Lappa, para que ametade do seu rendimento em cada hum anno seja para esta Conf radia (...) Ordenamos q na mesma solennid.^e da clementíssima Snr^a da Lapa amparo dos homens do mar, se faça special commemoração do glorioso S. Pedro Giz glorioso Intercessor dos Navegantes; em quanto se não consignar dia separado p^a a sua festa, p^a q. com multiplicados rogos se aplaque a ira Divina; e seja DS Sn⁰¹' N Glorificado por admirável em seus Santos; e assim cheguemos a conseguir a protecção mais firme da mesma Snr"pellos rogos do mesmo Sancto como medianeyro e intimam." affectuozo á mesma Snr" e p" este effeito se erige esta nova Irmana? laical da mesma Snr^a da lapa; como unida, e a imitação da Insigne Innand do mesmo S. P^o Giz. Erecta na notável villa de Stubal (...)⁴⁶.*

E em Março de 1770, em documento subscrito por mais de meia centena de Mestres e Marinheiros das Lanchas, é evocada a origem desta devoção na terra poveira, sendo de frisar que pelo menos oito dos presentes tinham integrado o grupo inicial que vimos chegar a acordo com os administradores da quinhentista capela de São Roque: (...) *pellos quais foi dito que elles comovidos da Mição do Reverendo Angelo de Sequeira natural da Cidade de São Paulo Mecionario Apostólico vindo em mição a esta Villa de grande devoção que devíamos dar a Nossa Senhora com o Soberano titullo da Lapa por honde se nos comunicava o bem da salvação mandarão fazer hua Imagem da mesma Senhora que colocarão na Capella de São Roque desta mesma ahonde se acha Irigindo humma Confinaria com Meza plena da mesma Senhora com Licença e aprovação de Sua Alteza Real Sereníssimo Senhor Dom Gaspar Arcebispo e Senhor de Braga Primas poreo vendo não ser conveniente o sitio em que se acha de prezente a dita Senhora acordarão ser mais aserto edificarlhe de novo hua Capella própria da Confraria no sitio do facho no sitio da Areya pegado ao mar ahonde seiye de Marca da Intrada das embarcasoins desta Villa na Barra delia pêra que nos conflitos do mar e alteração das hondas e bibração de Ventos lhe seme a mesma Senhora de norte e agulha para Alcansarem o Porto da Salvação ficando nesta forma seiyo a dita Confinaria de Agregação do Ponto Marítimo e a ella sogeitos todos os navegantes desta Villa e gozando os Privilegios que sua Magestade consede a semelhantes*

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 197 e 198-199.

⁴⁷ »obrig.^{ão} q. fazem o Juiz e off.^{es} de nossa Senhora da Lapa" (1770.03.18) - cf. [AMORIM, Manuel; e LOPES, Manuel (eds.)], *Art cit*, pp. 455-456. Sobre as origens deste templo vd. AMORIM, M. (Os Primórdios da Capela de S. Roque. Dois documentos importantes para a sua História, in "A Voz da Póvoa", Póvoa de Varzim, 6 de Janeiro de 1983, p. 3; Idem, Os fundadores da Ermida de S. Roque, in "O Notícias da Póvoa de Varzim", ano I, n.º 15, Póvoa de Varzim, 26 de Janeiro de 1983, pp. 1 e 3; e BARBOSA, Fernando, *Correcções e Anotações a História Local. Ordenadas e actualizadas por M. Amorim*, Póvoa de Varzim, Edição do Grupo dos Amigos do Museu da Póvoa de Varzim, 1999 (sep. do Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. XXXIV, 1998-99), pp. 34-36.

*Confrarias (...)*⁴⁷.

Não há dúvida de que o trabalho missionário do sacerdote brasileiro teve profunda repercussão social, dando estrutura económica e administrativa ao sentido comunitário da grei: *Sendo o Anual das Lanchas e bateis de dous mil reis cada hum por trº que fizerão os Irmãos com despozição de que todas as imbarcações o haviam de ser por se não encontrar contra as disposições do N. Estatuto sefaz preciso que todas as Imbarcaçoins sejam Innãos e por isso qui az pessoas que pode ter cada imbarcação se lhe concinou a limitada esmolla de dous mil reis cada hua por evitar o gr.^{cle} barulho em se mudarem os marinheiros das imbarcaçoins que sam Irmãos p^a outras que não sejam logo fieão fora desta Irmandade sem estatutos[^].*

Com extrema simplicidade se fundem aqui a fé e o trabalho, o material e o espiritual, no mesmo nó de profunda convicção. E logo nos primeiros anos das longas obras surgem então as despesas com *hua imagem de Pedra de N. Sr^aafroiteira da Capella (...) encarnação e douram. ° da mm. (...) hum lampião de sinal e Luz da Sr" (...) hua vidrassa e huns vidros p" o Azeite*⁴⁹.

Ainda hoje esta imagem (repintada, electrificado o farol...) vigia o mar da Póvoa:

*Senhora da Lapa de Fora,
Trazei-os em boa hora!*⁵⁰

Talvez a quotidiana intimidade, este trato de mútuo sustento, transmitido de pais a filhos, válido aquém e além da morte, tenha dispensado o fenómeno votivo ocasional...

Na verdade, estranho é que sendo, de há muito, pesquisados pelos investigadores locais o arquivo e todo o património⁵¹, não se conheça (ao contrário de diversos outros templos da cidade e até de freguesias do concelho, e desde o séc. XIX) qualquer referência a tábuas votivas de Nossa Senhora da Lapa da Póvoa de Varzim. As hipóteses de destruição ou descaminho, não sendo *in limine* impossíveis, volvem-se assaz refutáveis quando nos damos conta do grande zelo com que sucessivas Mesas da Irmandade defenderam as prerrogativas da sua corporação (face ao Cabido de Braga e à Paróquia, ao poder municipal, ao recrutamento militar, aos interesses particulares de gentes alheias à "Pescaria", à concorrência de espanhóis e dos arrastões...), cumpriram, para lá do religioso e do lúdico, as funções sociais (manutenção do farol e do salva-vidas, socorro aos naufragos e cativos, amparo aos pobres, enfermos, viúvas e

⁴⁸ Nota introdutória às receitas da Confraria de Nossa Senhora da Lapa no ano económico de 1785-86 - cf. COSTA, Martins da, *Real Irmandade...*, p. 186.

⁴⁹ Contas dos anos de 1772-73 e 1774-75 - cf. *Idem, Ibidem*, pp. 168 e 170.

⁵⁰ GRAÇA, A. Santos, *Ob. c/t*, p. 105.

⁵¹ Além do laborioso levantamento realizado por Martins da COSTA, lembremos BARBOSA, Jorge, *O escultor João d' Affonseca Lapa. Vila do Conde (13. Março. 1841) - Rio de Janeiro (26. Agosto. 1933). Sua Vida e sua Obra (Algumas notas biográficas e iconográficas para conhecimento da sua vida e divulgação de parte da sua obra)*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol XXVIII, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1991, pp. 76-81 e 94-101; e, sobretudo, a indicação que aquele dá (*Real Irmandade...*, p. 478) de pesquisas efectuadas por Fernando BARBOSA, o qual não deixou de prestar alguma atenção ao tema que especialmente nos prende - cf. *Uma Tábua Votiva*, in "O Comércio da Póvoa de Varzim", ano 50, n.º 1, Póvoa de Varzim, 14 de Março de 1953, pp. 1-2; e "Ex-Votos", in *Exposição de Arte Sacra do Concelho da Póvoa de Varzim*, Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. I, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 93-94 (n.ºs 154-163).

órfãos, apoio à instrução) e conservaram e cresceram os seus bens. Também não é fácil aceitar que o ex-voto do Viza e do Craveiro ali tenha sido um *unicum*, sabido o papel indutor que estas peças desempenhavam (insistindo, aliás, os devotos e seus mentores, que assim fosse).

No conjunto de sobrenomes, apelidos e alcunhas, exclusivamente relativos a pescadores poveiros e baseado no "Livro de Arruamentos" de 1763, registámos "Craveiro", mas nenhum "Costa Craveiro", nem "Gomes Viza", nem "Viza"⁵².

Deve-se ainda dizer que sendo aceitável a iconografia dos batéis⁵³ e referenciando o pintor correctamente o âmbito mais costeiro destas embarcações, ao pontuar o primeiro plano com uma sequência de penedos (cujos maiores mostram dois pescadores e suas canas), o exame atento do tratamento dado às tripulações revela o uso de gorros, mas não do característico "catalão" poveiro que já figura num ex-voto de 1773⁵⁴ e, muito provavelmente, seria comum bem antes dessa data.

Inversamente, e para além da mencionada numeração original no Museu Etnológico (em cujo catálogo se verificam aliás outros agrupamentos por proveniência, como é normal), alguns factos suportam uma atribuição do "milagre" em questão à Senhora da Lapa vilacondense.

Não se nega que o porto local (e a povoação) sentissem, nos meados do séc. XVIII, a perda de muita da sua pujança de outrora; e que os efeitos positivos gerados enfim pela obra do cais há tanto reclamado, aforamento das areias da Poça da Barca (concedido já em 1770)⁵⁵ e introdução da moda banhar se tenham feito sentir progressivamente sobretudo ao longo da centúria seguinte. Já há muito se apontaram, por exemplo, em referência às décadas de 1840 a 1880, significativas posições estatísticas no contexto nacional, quer para a construção naval, quer para o rendimento do pescado, largamente suportado pelo rápido crescimento demográfico das Caxinas⁵⁶.

Mas, mesmo nas difíceis condições de navegação do rio e barra, alguma actividade pesqueira subsistia na época a que pertence o quadrinho em estudo, como testemunha a rigorosa informação do Pároco em 1758: *Rio Ave (...) é navegável até quase em direitura da vila, aonde se súbita a navegação dela pelo impedimento de um açude do Mosteiro das Religiosas da mesma, porém daí em diante também é navegável por alguns barcos até os sítios aonde estão dispostos outros vários açudes de azenhas particulares, que se continuam quase por todo ele. Com cujos se tem danificado muito a navegação. Só de presente é capaz de barcos e lanchas de pesca, algumas do alto (...).*

Ao mar vai continuando e despedindo um ramal a dita roca, toda de penedias fortes e enlaçadas pela natureza, com poucos intervalos (estes estreitos) de quebradas da dita serra, que a maior parte se submerge no profundo pelas raízes, ficando por cima não antes

⁵² ARAÚJO, Agostinho, *O desenvolvimento urbano...*, pp. 8-9.

⁵³ FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *Ari. cit.*, p. 32.

⁵⁴ ARAÚJO, Agostinho, *Pintura de "Milagres" e estudo do Traje: pequeno exemplo*, Porto, 1981 (sep. de "Arqueologia", n.º 4, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto), p. 6.

⁵⁵ VILA COVA, António Ferreira, *Caxinas, terra do meu coração. Monografia*, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1989, pp. 12-14.

⁵⁶ [FARIA, Jorge Brandão Figueiredo de], *Marinheiros e Marianes de Vila do Conde*, Vila do Conde, Tipografia do Ave, 1955, pp. 6 e 8.

os cabeços, cujos intervalos, surgidos pela arte com um paredão para unir as ditas faltas, podia defender a barra do impulso dos mares, que é todo da parte do nordeste, e afaz perigosa (quando tempestuoso) por poder fazer-se um excelente molhe a defesa, e entrada de embarcações ainda de alto bordo o requeriam a sua Magestade os antigos pela necessidade da Vila, e grande utilidade deste reino em repetidas proposições e actos de cortes.

É a barra toda do areal, sem palcel nem burgalhao, e somente com algum penedo nativo menor e de pouca monta, baixio que se descobre por estar superior às mesmas águas: a multidão destas, em ocasião de cheias, umas vezes amove os areais para as partes e lados, com que profunda a barra; outras vezes espraçando-a as águas sobre as mesmas areias, ficam estas fazendo a barra baixa: razão porque não tem altura em toda a ocasião igual, especialmente por trazer o rio (por motivo das lavranças, e venidas dos montes) muitas areias prejudiciais à barra, onde as cospe.

Da parte do Sul se acha um amplo seio que, ajudado da arte, poderia formar um receptáculo a modo de bom porto, onde pudessem ancorar boas embarcações, segundo afirmam pessoas inteligentes destas matérias: terá de largo maior de 60 braças, e em circuito outras tantas.

No estado presente é só capaz de caravelas e patachos ou hiates que pelos verões nela aportam, que serão 40 ou 50 em cada um ano, com o traesporte de sal, e também de algumas lanchas do alto, único comércio da terra, o de que reparte aí mais do sertão. Em algum tempo acho notícia entravam nela navios de alto bordo, por cuja falta tem padecido a vila, não só de decadência no número de moradores, mas ainda nas casas: muitas das quais se acham reduzidas a quintais e hortas, e outras em termos disso por falta de moradores, e ruas inteiras, como é a dos Ferreiros, só constituída uma total ruína⁵⁷.

Os naufrágios, muitas vezes na insegura boca da barra, eram frequentes: 11 de Março de 1744, 21 de Novembro de 1748, 24 de Março de 1757, 6 de Outubro de 1772, 17 de Dezembro de 1774, 8 de Outubro de 1780 são contas desse rosário de lutos, embora algumas destas embarcações então atingidas fossem poveiras; em 22 de Setembro de 1774 morreram 14 homens, quando *sahio do porto desta villa a pescaria hua lancha de q. era Mestre delia Manoel Fogaça (...)* e se submergio no mar falescendo afogadas todas as pessoas q. nella hião, e a dita lancha foi sahir passados mais de oyto dias na praya asima de Vianna feyta em pedaços com alguas redes (... j⁵⁸.

Também aqui os pescadores tinham a sua Irmandade, com fórmula contributiva próxima da que já acompanhámos, tendo, porém, como protectora, Nossa Senhora da Guia: (...) *toda a embarcação, lancha, batelão ou batel que for pescar à linha congro ou qualquer pescaria e ainda à sardinha, excepto fanecas, de tudo isto serão obrigados a tirar um quarto*

⁵⁷ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Vila do Conde. Memórias...*, pp. 3 e 13-14.

⁵⁸ GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S.; e FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Ob. c/t*, pp. 52-53.

⁵⁹ Cap.º XVI do "Livro do Estatuto da Irmandade de nossa Senhora Daguia E São Julião dos Pescadorez Sita na Barra Desta Villa do Conde Annexa sua Cappelania A Igreja de S. Salvador de Navais. Anno de mil e Seis Sentos, e Setenta e seis. E Agora Reformado no Anno de 1766" - parcialmente transe, *apud* DACIANO, Bertino, *Velharias... I - O Conde de S. Bento - "Juiz de Devoção" de uma irmandade de Pescadores. II - A capela de N.ª S.ª da Guia e do Mártir São Julião, em Vila do Conde*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1952 (sep. de "O Concelho de Santo Tirso", Santo Tirso, Câmara Municipal de Santo Tirso, vol. I, n.º 2), p. 5.

do rendimento da dita pescaria para a mesma soberana Senhora (...)⁵⁹.

E é em Livros de Contas desta agremiação que se encontra, naturalmente, a mesma tipologia de embarcações, lanchas e batéis, aumentando o número destes e diminuindo o daquelas a partir de 1730⁶⁰.

Aí surgem também, em 1713, entre os nomes dos Mestres de Lanchas, um "Manuel da Costa Craveiro" e um "João Francisco Vizo"⁶¹. Mais tarde, um "José da Costa Craveiro", pescador vilacondense, é referido em documento de Dezembro de 1772⁶².

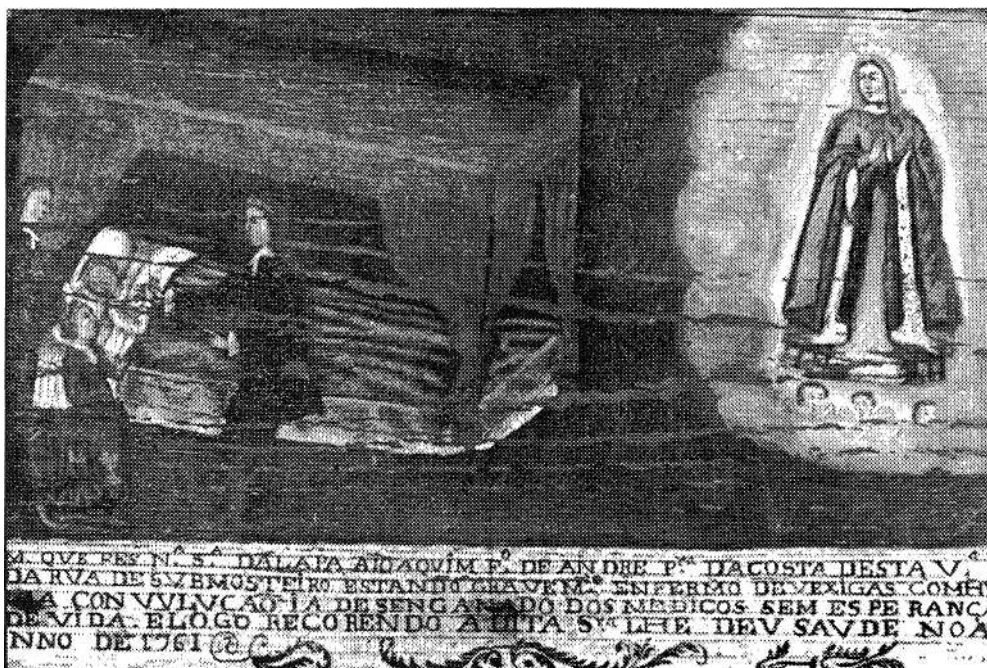


Fig. 5 - Ex-voto de Joaquim Pereira da Costa. 1761.

Argumentos igualmente fortes são-nos fornecidos pela legenda e imagem representada num outro ex-voto ainda pertencente à igreja da Lapa vilacondense:

M. QVE FES N. S. DALAPA AIOAQVIM F. DE AN DRE R. DACOSTA DESTA V. DA RVA DE SVBMOSTEIRO ESTANDO GRAVEM. * ENFERMO DE VEXIGAS COMHV MA CON VVLVÇÃO IA DE SENGANADO DOS MÉDICOS SEM ES PE RANÇA DE VIDA. ELOGO RECO RENDO A DITA S. LHE DEV SAVDE NOA NNO DE 1761⁶³.

⁶⁰ REIS, João dos, *Coisas do passado (gente humilde)*. Notas, Vila do Conde, Gráfica de Santa Clara, 1951, p. 148.

⁶¹ Idem, *Ibidem*, p. 147.

⁶² VILA COVA, António Ferreira, *Ob. cit.*, p. 127.

⁶³ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *Uma obra...*, p. 9; ARAÚJO, Agostinho, *Exposição de Tábuas Votivas...*, p. 16 (n.º 16); e NEVES, Joaquim Pacheco, *Vila do Conde...*, entre pp. 80-81 [só reprod. a cores]. Este quadrinho parece conter, antecedendo e unindo-se às silvas ornamentais de remate da legenda, uma firma de autor que não lográmos identificar.

Este ex-voto integra-se na tipologia "médica", com o habitual destaque da cama⁶⁴ (aqui com alongamento do vistoso dossel vermelho e as também esperadas dificuldades com a perspectiva) e a troca de impressões entre os facultativos. A peça vem perdendo matéria segundo os veios do suporte, o que prejudica sobretudo a leitura da figuração junto do acamado; mas percebe-se que a provável mãe deste, ajoelhada, corta o referido diálogo, quase empurrando um dos médicos silhuetados para fora de cena. Recusando conceder-lhe a área central, mais adequada ao seu estatuto de impetrante, o autor parece pouco habituado às fórmulas tradicionais desta arte.

Talvez ciente de tal inexperiência, pode ele ter recorrido à observação do ex-voto dos pescadores Viza e Craveiro. De facto, o desenho dos caracteres e dos ornatos da legenda, bem como o teor relativamente desenvolvido desta em ambas as narrações favorecem tal sugestão.

E como o "milagre" do menino Joaquim Pereira da Costa auto-informa inequivocamente da sua execução local e é apenas um ano (se tanto...) posterior ao dos dois marítimos, impressiona principalmente ver que o seu pintor adoptou a mesma localização da Senhora em quadrante de nublado, embora o rebaixasse em aparição dentro do espaço indefinido do quarto do paciente, tornando mais esguia e juvenil a figura.

Mas esta não possui a presença plástica e o simbolismo da estudada composição do actual Museu Nacional de Arqueologia, onde a Virgem une o último plano (enunciado pela suave claridade rósea) ao médio e fulcral. Céu e mar são, assim, para a Senhora da Lapa, o mesmo seu domínio, que do bordo inferior da mais baixa nuvem corre pelo sulco dos batéis em ritmo gemelar. Tal opção pelo simples mas eficaz repetir das horizontais paralelas está outrossim no plano inicial, segmentado em penedias (onde os pescadores à linha afrontados quebram o longo hiato vertical entre as embarcações); e até no extenso texto sotoposto que é ainda - em termos mais miúdos como os do figurado tripulante - parte da própria pintura narrativa.

Por último, sobre a problemática da autoria, recordemos que a Póvoa da segunda metade de Setecentos apenas tinha um pintor, Francisco José Baptista (1733-1798), aliás, natural de... Vila do Conde⁶⁵. Por seu turno, nesta - distanciada já da relevância artística da época dos Descobrimentos - conhecemos alguns nomes: o já referido Gonçalo Francisco ou, com mais informação sobre o tipo de trabalhos de que se podia encarregar, o mestre pintor e dourador Manuel da Rocha Mendes⁶⁶.

⁶⁴ BRITO, Joaquim Pais de, *A cama: teatro para um corpo*, in *Do Gesto a Memória. Ex-votos* (Exposição. Museu da Guarda / Museu de Grão Vasco / Museu de Lamego). Catálogo. Lisboa, Instituto Português de Museus, 1998, pp. 31-38.

⁶⁵ ARAÚJO, Agostinho, *O desenvolvimento urbano...*, pp. 60-61, nota (158).

⁶⁶ *£ logo no mesmo acto de Câmara [sessão de 1734.04.01] e vereação, apareceu Manuei da Rocha Mendes, mestre pintor e dourador, desta vila, e por ele foi feito lanço em todas as pinturas da dita igreja e douramentos, a saber: por dourar os seis altares da sorte que ficam apontadas, as tribunas apontadas atrás com as grades deles e frontais, tudo um conto.....1 000\$. Pelo douramento das caixas dos órgãos, sendo como a do convento de Santo Tirso, oitocentos mil réis800\$. Pela pintura de todo tecto da dita igreja e naves, sendo aosio com alvaiade duas outras mãos com seus florões na forma de planta em que entram as do coro, por baixo e por cima, um conto e seiscentos mil réis 1 600\$. Pelo azulejo para toda a roda da dita igreja e naves, sendo de figura e paços posto nela e assentado na forma das medidas e plantas, um conto cento e cinquenta mil réis..... 1 150\$ - cf. PINTO, Maria Eduarda Carvalho, *As importantes obras na Igreja Matriz de Vila do Conde no séc. XVIII*, in "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde", nova série, n.º 18, Vila do Conde, Dezembro de 1996, p. 67.*

Mas talvez um outro artista, residente e nascido em Vila do Conde, com cerca de 27 anos à data da execução do "milagre" de José Gomes Viza e Manuel da Costa Craveiro, estivesse à altura de "sentir o tema".

Pensamos em Domingos Gomes Carneiro Flores, neto paterno e materno de pescadores, filho de um outro, que morrera afogado no mar e de uma contratadeira de peixe, ascendentes todos naturais da Princesa do Ave. Recebeu carta de Familiar do Santo Ofício em 21 de Abril de 1761, dizendo a informação enviada para o seu processo: *Hé o habilitado de boa vida, e costumes, comjuizo, e capacid.^e p.^a servir o St.^o Off.^o na ocupação, q. pretende, trata-se decentemV e tem semido de Almotacé; vive do produto da arte de Pintor, q. exercita, e dos bens, que tem, q. valerão quinhentos mil reis, e espera por morte de sua*

herdar outro tanto; hé soltr.^o e não consta, q. tenhap ilig?^{s67}. A sua família era, desde os inícios do séc. XVII pelo menos, de pescadores "lanchões", por cujo cargo e ocupação se fazem entre os outros mais bem respeitados⁶⁸.

Agora reencontrando-se, estas sete tábuas votivas irmãs provam a fixação e florescimento, ali *entre pinhais, rio e mar*, de um dos mais portugueses nomes de Maria, sem perder para outros também de frequente recurso local - Rosário, Pilar... ou aqueles que o Poeta jovem, em registo terno e moralista, elegeu para o seu fresco narrativo:

Sim, é possível: Bem possível que em outros tempos, Vila do Conde fosse uma terrinha muito simples, muito pobre, muito sentada ao pé do mar... Isto é claro que ha muito tempo! Muito antes de pertencer à amante dum rei; muito antes de ter criaturas como eu e como tu, leitor. Efoi então que Nossa Senhora andou cá por Vila do Conde. Mesmo, porque só podia ser então: Nossa Senhora era Pessoa muito singela. (...) Com tal singeleza, Nossa Senhora andou por cá sem fausto algum. Hoje, poriam à sua disposição um Rolls-Royce.

Porem naquele tempo (falo do tempo em que o facto se deu) a recepção feita a Nossa Senhora foi muito deficiente: - As mulheres dos pescadores beijaram-lhe os pés estrelados, deram-lhe os filhos a benzer, contaram-lhe as suas penúrias - e acabaram por lhe oferecer batatas cozidas da sua cronca... A principio, ainda quizeram dar magestade à Rainha dos Astros. Mas no adiantamento da conversa, (...) aboliram de vez o protocolo. Pediam-lhe: - "Comadre, tu has-de me fazer isto!..." E Nossa Senhora fazia.

Até que lá de cima, começaram a reclamar a presença da Dona da Casa: Nem no Ceu se estava bem sem o seu vestido branco e a sua facha azul!... Cá em baixo, Nossa Senhora já trazia o chaile das mulheres da vila (...)

Como as reclamações do alto amiudassem, Nossa Senhora teve de obedecer. E reunindo o povo, anunciou-lhe a sua partida. Então é que foi um alarido! Pois se de ha um tempo para cá tudo ia em maré de rosas!... As mães estendiam os filhos de peito, soluçando

⁶⁷ PINTO, Augusto Cardoso, *Breve notícia de alguns artistas desconhecidos*, in "Belas Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes", 2.^a série, n.º 15, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1960, pp. 51-52.

⁶⁸ FREITAS, Eugênio de Andrea da Cunha e, *O pescador poveiro. Nobres e plebeus nos séculos XVII e XVIII*, in *Actas do Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima*, vol. III (Povoamento. Administração. Aspectos Sociais), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1985, pp. 250-251.

desgrenhadas: - "Olha o teu afilhado! Diz adeus ao teu afilhado!" Os homens enxugavam carreiros de lágrimas, com as costas da mão, nas máscaras de bronze. E os velhos olhavam com os olhos vítreos dos dias de naufrágio...

Nossa Senhora sorria de se sentir tão amada e tão necessária. E disse-lhes:

- "Socegai! Bem sabeis que posso tudo. Nunca mais me vereis, mas eu continuo entre vós."

(...) Foi então que em louvor de Ela, e reunindo todas as suas reminiscências a toda a sua fantasia, três homens habilidosos do sitio fizeram três imagens. O primeiro era pescador, e disse: - "Esta é a Nossa Senhora da Guia." O segundo sofria grandes males, e disse: - "Esta é a Nossa Senhora do Socorro." O terceiro vivia retirado e viuvo, e disse: - "Esta é a Nossa Senhora do Desterro." (...)⁶⁹.

⁶⁹ RÉGIO, José, *Nossa Senhora da Vila*, in "Vila do Conde", ano I, n.º 1, Vila do Conde, Agosto de 1928, p. 11.

Tábua das Ilusts. - Figs. 1 e 4: reprod. de L. de Pina, *Loc. cit* e L. Chaves, *Ari cit* (1915), p. 215, respectivamente; 2, 3 e 5: fotografias do Autor.